

Freiras tomaram conta de tudo

O pequeno município de Nísia Floresta, no Rio Grande do Norte, foi escolhido para um trabalho pioneiro: freiras batizam, pregam e, brevemente, vão distribuir a comunhão. Esse trabalho é o retrato vivo de uma Igreja em Estado de Concílio.

A experiência repercutiu mais depressa no estrangeiro do que no Brasil, e muitos bispos assediaram Dom Eugênio Sales, então Administrador Apostólico de Natal, com pedidos de informação. O próprio Papa Paulo VI tomou conhecimento da experiência.

Tudo começou na noite de 3 de outubro do ano passado, quando o povo se reuniu na Praça da Matriz de Nísia Floresta, sob o luar, para ouvir Madre Irani Bastos e suas companheiras, que, ao violão, fizeram sua primeira serenata.

A paróquia não tinha vigário, embora todos os domingos um padre ali celebrasse missa.

Nísia Floresta é um município localizado numa das mais férteis regiões da Zona Agreste do Rio Grande do Norte, a 60 km de Natal. Espalhadas pelo seu território existem 16 lagoas, além de riachos em abundância, o que certamente explica o fato de apresentar a região elevado índice de esquistossomose.

Não há médico nem enfermeiro. Uma vez por semana um dentista visita a colônia de pescadores do pôrto. O município compreende 318 quilômetros quadrados, com população de 10.300 habitantes.

Históricamente, a grande novidade de Nísia Floresta é que ela se tornou a primeira paróquia do mundo a ser oficialmente entregue a frei-

ras, embora haja um vigário oficialmente designado, que a visita nos fins de semana, para celebrar missa, confessar e distribuir a comunhão. As freiras têm jurisdição igual à do vigário. Batizam em casos de urgência, fazem a encomenda dos mortos, preparam os noivos para o casamento, orientam espiritualmente os movimentos de apostolado dos leigos, o movimento de casais, pregam na igreja. E brevemente poderão distribuir a comunhão.

A paróquia responsabiliza-se pela coordenação, na sua área, de todas as atividades do chamado "Movimento de Natal", e apóia, na medida do possível, o sindicalismo rural.

Os mais orgulhosos pelo rejuvenescimento espiritual de Nísia Floresta são os seus habitantes. Desde os meninos Luís e Jorge, um com nove e outro com doze anos, que explicam a organização da diocese e dos coroinhas, até o tabelião Agripino, que agora dá o braço a torcer: "Eu era dos mais pessimistas, mas a verdade é que cada dia se nota mais progresso no trabalho".

Conta êle que, "no princípio, o povo pensava que as freiras vinham instalar algum colégio, e ficara meio desconfiado. Mas agora todos compreendem que elas vieram apenas para servir, e gostam muito delas".

Como boa cidade nordestina, Nísia Floresta, politicamente, divide-se em dois grupos, ambos poderosos e ambiciosos. O trabalho das religiosas começa a modificar profundamente a mentalidade da população, e os políticos, sentindo a influência que elas exercem na comunidade, tentam tirar proveito. Mas as freiras nada querem com a política. "Somos irmãs de todos e com

todos nos portamos de maneira igual", dizem.

A explicação do "milagre" de Nísia Floresta encontra-se nas próprias freiras e no seu modo de viver.

Na cozinha reina a Irmã Elza Brito Martins, maranhense morena de 28 anos. Tão boa cozinheira quanto pregadora.

A irmã caçula, com apenas 22 anos, chama-se Maria José Cardoso Ramos e também é nordestina. A mais velha, de 33 anos, é a Irmã Rosa Seabra Ferreira.

A quarta é a madre. Como as outras, fez questão de dizer o nome completo: Marlene Pessoa de Lins, 27 anos, pernambucana. Acredita em todos porque acredita em Deus. Ama a todos porque ama a Deus. Serve a todos porque serve a Deus.

Foi militante da Ação Católica nos morros suburbanos do Recife, para onde ia depois das aulas na Faculdade de Teologia da Universidade Católica. Conta que o seu ideal de juventude era irrealizável: ser padre. Até que encontrou o Instituto das Missionárias de Jesus Crucificado, o que melhor se adaptava aos seus desejos: ficaria consagrada a Deus sem separar-se do mundo, condição básica para se realizar.

De onde vêm as irmãs? Em 1929 Dom Francisco Carlos Barreto fundou a Ordem, na cidade de Campinas, em São Paulo.

Regem-se por um estatuto flexível quanto ao hábito das religiosas: podem vestir-se de acordo com a época, respeitando o decôro e a modéstia. Dentro desse princípio, evoluíram do *tailleur* azul, meia preta e chapéu de 1929 para o vestido ou saia e blusa de hoje. Têm um hábito bonito e simples, azul-marinho, que usam em casa e nas cerimônias religiosas.

O estatuto é inflexível quanto ao espírito da congregação: consagração a Deus sem separação do mundo, porque o único objetivo é o apostolado. A congregação não pode ter obras de subsistência.

Aliás, a subsistência das freiras, em Nísia Floresta, constitui uma lição de fé das mais vivas. Os recursos da paróquia não vão além de 40 mil cruzeiros: 30 mil do aluguel de uma casa da paróquia, em Natal, e 10 mil cruzeiros doados pela Prefeitura. Mas só com o jipe ("esse grande bem que nos foi oferecido pelo Bispo-auxiliar de Nova York, Monsenhor Edward E. Swanstrom") gastam o dinheiro todo.

De que vivem, então, as freiras? A madre explica: "Vivemos da Providência. Há dias em que não temos nada, mas alguma coisa aparece, trazida pelo povo. Ainda no domingo passado não havia nada e o vigário estava aí para almoçar. Pouco antes das 11 horas apareceu uma galinha, já cozida. E como almoçamos bem naquele dia!"



As freiras de Nísia Floresta fazem serenatas e os paroquianos cantam com elas